

PODER

Fake news, como a do Pix, são desafios para ministro

Novo chefe da Secom: missão de melhorar avaliação de Lula e combater desinformação

» VICTOR CORREIA
» MAYARA SOUTO

O novo ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom), Sidônio Palmeira, tomou posse ontem com forte discurso de combate à desinformação e promessa de levar à população os feitos do governo. A cerimônia ocorreu no Palácio do Planalto, com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ministros, parlamentares e seu antecessor no cargo, Paulo Pimenta, cujo destino ainda é incerto.

A troca de comando atinge uma das áreas mais sensíveis da gestão federal, sob críticas à comunicação no ambiente digital e ao pouco impacto dos resultados positivos da economia na aprovação de Lula — atribuído à má divulgação. Em seu discurso de posse, Sidônio reconheceu o problema.

“Esse trabalho (do governo) não está sendo percebido por parte da população do Brasil. A informação dos serviços não chega à ponta. A população não consegue ver o governo nas suas virtudes”, comentou o publicitário, que fez carreira comandando campanhas eleitorais.

“Não basta apenas chamar um ‘marqueteiro’, como vocês dizem. Precisamos ampliar nossa concepção do papel da comunicação nesse novo mundo. Nosso trabalho é compreendê-lo em sua complexidade e convocar a todos para esse desafio”, acrescentou. Um de seus desafios será tentar unificar a comunicação das outras 37 pastas da Esplanada.

Sidônio criticou as mudanças na política de conteúdo da Meta, que acabou com o serviço de checagem de informações e com regras de moderação que proibiam conteúdos de ódio contra mulheres e pessoas LGBTQIA+, por exemplo. A Secom é um dos órgãos do governo envolvidos na discussão sobre como o Executivo deve responder à companhia, já que muitas das mudanças divulgadas violam leis brasileiras.

“Medidas anunciadas recentemente pela Meta são ruins, porque afrontam os direitos fundamentais e a soberania nacional e criam um faroeste digital. Buscaremos incentivar os processos regulatórios”, enfatizou. “Defendemos a liberdade de expressão. Lamentamos que o extremismo esteja distorcendo esse conceito para viabilizar a liberdade de manipulação.”

Em coletiva de imprensa após a posse, Sidônio frisou que o combate às fake news será uma prioridade de sua gestão e que o governo vai tentar se adiantar à desinformação — citando a crise causada por notícias falsas sobre taxaço do Pix.

O ministro teve acesso à resposta da Meta à Advocacia-Geral

Evaristo Sa/AFP



Sidônio Palmeira: “Trabalho do governo não está sendo percebido por parte da população do Brasil”



Medidas anunciadas recentemente pela Meta são ruins, porque afrontam os direitos fundamentais e a soberania nacional e criam um faroeste digital. Buscaremos incentivar os processos regulatórios”

Sidônio Palmeira, novo ministro da Secom

Perfil

Quem é o novo ministro

Sidônio Palmeira é formado em engenharia e começou a atuar como publicitário em 1992, em campanhas eleitorais. Em 2006, comandou a campanha que elegeu o atual senador Jaques Wagner (PT-BA) como governador da Bahia. Em 2010, chefiou a campanha que levou o atual ministro da Casa Civil, Rui Costa, ao mesmo cargo.

Em 2018, Sidônio foi chamado para a campanha presidencial de Fernando Haddad, após

o primeiro turno. Já em 2022, comandou a campanha que elegeu o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para o seu terceiro mandato.

Desde o início do governo, Sidônio atua como uma espécie de consultor de Lula e despachava de Brasília em algumas ocasiões. Na semana passada, foi confirmado como substituto de Paulo Pimenta como ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom).

da União (AGU) e disse que, no Brasil, a empresa vai adotar as mudanças de forma gradual. Ele também contou que a Secom participará de um encontro, amanhã, com a AGU e com chefiados profissionais para discutir os impactos da decisão da big tech.

O titular da pasta deixou claro, porém, que é contra os anúncios da Meta e que o governo vai atuar para que as plataformas respeitem a legislação, não somente sobre o fim da checagem, mas

também pelas alterações que facilitam discursos de ódio.

“Isso preocupa, e preocupa muito. A gente não vai aceitar. Ali entre o discurso da xenofobia, do racismo, de agressão contra as mulheres e comparar com objetos de cozinha ou coisas desse tipo. Vai deixar isso? Isso nos preocupa e vamos tomar posicionamento, com a AGU, para ver o que a gente encaminha já para o Supremo”, ressaltou.

Em relação à gestão, ele contou que fará “imediatamente”

uma nova licitação para contratar empresas para a comunicação digital do governo, já que a concorrência anterior, de R\$ 200 milhões, ficou desatualizada após suspensão pelo Tribunal de Contas da União (TCU) por suspeitas de irregularidades — que não se confirmaram.

De saída

O chefe anterior da Secom, Paulo Pimenta, também discursou ao deixar o cargo, e destacou seu histórico de atuação no PT e sua fidelidade ao presidente Lula. Também defendeu sua gestão, afirmando que a Secom não existia na gestão passada, de Jair Bolsonaro (PL), e que a pasta teve que ser reconstruída.

“Eu sou, o senhor sabe disso, presidente, presidenta Gleisi (Hoffmann, do PT), aquilo que comumente as pessoas chamariam de ‘petista raiz’”, destacou. Ele lembrou que está em seu sexto mandato como deputado federal (atualmente licenciado) pelo Rio Grande do Sul e que lidera para a bancada do partido mais de uma vez.

O ex-ministro diz ainda não saber se ocupará outra pasta ou retornará à Câmara. Entre as possibilidades que circulam no Planalto, está a de ele assumir a Secretaria-Geral da Presidência, atualmente ocupada por Márcio Macêdo, ou de voltar para a Câmara e ser líder do governo.

“Sobre para onde vou, só quem pode responder é o presidente. Eu também vou aguardar o momento que ele (Lula) me chamar para que possa me designar para uma tarefa, uma função. O momento que ele me chamar para isso vai ser quando ele já tiver amadurecido o que ele quer que eu faça”, declarou.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Missão de Sidônio é alavancar a liderança moral

O publicitário Sidônio Palmeira, marqueteiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a Secretaria de Comunicação Social do Palácio do Planalto com a tarefa não apenas de gerenciar a imagem presidencial sem intermediários, mas, também, de alavancar a popularidade do governo. Não será fácil. Mas, agora, o desafio está nas mãos de um profissional bem-sucedido do marketing político e não de um político profissional, o ex-ministro Paulo Pimenta, que volta à Câmara para exercer seu mandato de deputado federal.

Publicitário, Sidônio tomou posse, ontem, em solenidade das mais concorridas do Palácio do Planalto, porém sem a presença expressiva da bancada do PT na Câmara, que perdeu uma posição importante no governo. A fala de despedida de Pimenta contrastou com o discurso de posse de Sidônio. Enquanto o ex-ministro fez um longo discurso falando de sua trajetória de “petista raiz” e aliado incondicional de Lula, Sidônio — como é chamado no meio publicitário — deixou claro que não tem filiação partidária e que vai cuidar de todo o governo, cujo “bom trabalho” não estaria sendo devidamente percebido pela população.

Segundo Sidônio, em dois anos de governo, Lula reorganizou o país, alcançou bons indicadores econômicos e retirou brasileiros da miséria, mas a maioria da população não estaria reconhecendo essas mudanças. À frente da Secom, o marqueteiro terá que formular e implementar a política de comunicação do governo, gerenciar a publicidade oficial, melhorar o relacionamento com a imprensa e promover ampla divulgação de programas e ações do Executivo. Na gestão de Pimenta, essas tarefas estavam descoordenadas, por causa dos feudos que se formaram na estrutura da Secom.

Com aprovação na faixa de um terço, segundo as pesquisas de opinião, a avaliação do governo puxa a imagem de Lula para baixo. Para o presidente, estaria aquém dos resultados de sua gestão, pois não refletiriam os indicadores de crescimento do PIB e a baixa taxa de desemprego. O governo leva um banho de oposição nas redes sociais, principalmente da máquina de fake news da extrema-direita que inferviza o Palácio do Planalto, como a recente onda de memes e mensagens sobre a suposta cobrança de impostos nas operações com o Pix.

Antes mesmo de assumir o cargo, Sidônio teve que adotar uma série de iniciativas para desmentir essas informações falsas. Ou seja, o marqueteiro terá que trocar as turbinas do avião em pleno voo, o que não é uma tarefa fácil, porque o problema não é somente de comunicação. Imagem política não é aquilo que o governo avalia de si próprio, mas a percepção que projeta e mantém na sociedade. É resultado da avaliação dos cidadãos sobre ações, discursos, valores, comportamentos e estratégias de comunicação, e não da vontade apenas do governante.

Imagem é tudo. Resulta da forma como Lula, o PT e os ministros se comunicam e apresentam suas ideias; da aparência, postura e conduta pública; das decisões administrativas e seus resultados, das estratégias de comunicação e propaganda, do relacionamento com jornais, rádios, tevês e redes sociais; e das expectativas, valores e prioridades do público. Sob comando de Pimenta, o governo capotou em todos os quesitos.

ESSA FOI A PRIMEIRA TROCA DA REFORMA MINISTERIAL QUE ESTÁ SENDO MATURADA NO PALÁCIO DO PLANALTO

Expectativa de poder

Não à toa, essa foi a primeira troca da reforma ministerial que está sendo maturada no Palácio do Planalto. Lula depende de uma imagem positiva para manter o apoio popular, sem o qual seria refém do Congresso. Sidônio precisará moldar opiniões, influenciar os eleitores e projetar a imagem do governo para que Lula concorra à reeleição. Projetar a expectativa de poder para além de 2026 é fundamental para remover candidaturas competitivas, como seria a do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

No discurso de saída, Pimenta falou da dificuldade de coordenar a comunicação de quatro ex-candidatos a presidente — o vice Geraldo Alckmin (PSB), ministro do Desenvolvimento Econômico, e seus colegas Fernando Haddad (PT), da Fazenda; Marina Silva (Rede), do Meio Ambiente, e Simone Tebet (MDB), do Planejamento — e vários ex-governadores: Rui Costa (PT-BA), da Casa Civil; Camilo Santana (PT-CE), da Educação; Wellington Dias (PT-PI), do Desenvolvimento Social; e Renan Filho (MDB-AL), dos Transportes. Segundo ele, cada um chegou com sua própria equipe de comunicação.

Entretanto, os maiores problemas da comunicação são dois: a alta da inflação, que exigirá um corte adicional de R\$ 35 bilhões a R\$ 40 bilhões para conseguir cumprir a meta fiscal deste ano; e a necessidade de o governo recuperar a liderança moral da sociedade, o grande desafio.

Febraban alerta sobre notícias falsas

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) emitiu alerta sobre fake news em relação às novas normas da Receita Federal para respeito do Pix. A entidade enfatizou que nada mudará para o usuário nem haverá qualquer tipo de cobrança ou taxaço a quem utiliza esse meio de pagamento.

Em nota, a Febraban reforçou que “os clientes que utilizam o Pix para pagamentos e transferências não precisam tomar qualquer providência, nem passarão a ser cobrados pelo uso do Pix”. “Não são verdadeiras, portanto, informações de que os usuários do Pix precisarão declarar à Receita o montante que movimentam. Essa é uma obrigação das instituições financeiras e de pagamento. Da mesma forma, são mentirosas

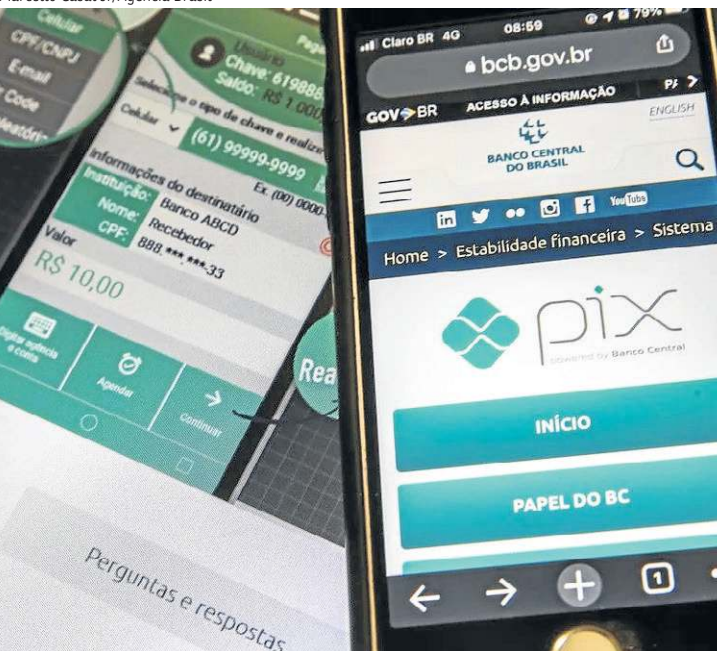
notícias de que haverá cobrança de tributos ou taxas quando se utilizar o Pix”, frisou.

A Instrução Normativa da Receita Federal não exige nenhuma nova responsabilidade para aqueles que usam o Pix. A única mudança será a atualização do sistema de acompanhamento financeiro para incluir novos meios de pagamento na declaração prestada por instituições financeiras e, agora, por instituições de pagamento.

A Febraban também alerta para possíveis golpes. “A Receita Federal não solicita pagamentos de qualquer tipo de taxa ou imposto em virtude de movimentações com o Pix. Ao receber esse tipo de mensagem, desconsidere imediatamente”, escreveu.

*Estagiária sob a supervisão de Cida Barbosa

Marcello Casal Jr/Agência Brasil



Febraban: sem cobrança ou taxaço para quem utiliza Pix